

Sociedade, natureza e comportamento humano, perspectivas a partir da educação ambiental e do ecoturismo

Ana Krüger¹

Resumo:

Pensar a realidade exige um exercício complexo, onde estão envolvidos aspectos culturais, históricos e biológicos. O pensamento hegemônico, criado a partir da lógica capitalista limitou a visão sobre a interferência do homem no ambiente natural. A análise do comportamento humano ao longo de sua evolução pode esclarecer alguns aspectos da crise ambiental e identificar como se dão estas relações entre sociedade e natureza na atualidade. O objetivo deste artigo é contribuir para pensar estas relações. A Educação Ambiental surge, neste contexto, quando busca restabelecer as relações perdidas entre homem e natureza a partir do sentimento de pertencimento ao ambiente e da valorização da subjetividade e afetividade, contribuindo para o desenvolvimento do espírito crítico sobre a racionalidade hegemônica. Neste sentido, o Ecoturismo é um dos promotores da Educação Ambiental a partir das viagens a locais preservados e da interação com as comunidades receptivas, buscando estabelecer relações que oportunizem mudanças de atitudes.

Palavras chave: Comportamento Humano, Educação Ambiental, Ecoturismo.

Abstract:

SOCIETY, NATURE AND HUMAN BEHAVIOR, PERSPECTIVES FROM ENVIRONMENTAL EDUCATION AND ECOTOURISM. Thinking about reality requires a complex exercise, in which cultural, historical and biologic aspects are involved. The hegemonic thought, created from the capitalist logic, limited the view on man's interference in the natural environment. The human behavior analysis along its evolution enables us to clarify some aspects about the environmental crisis and to identify how the relationships between society and nature happen nowadays. This paper aims at contributing to the thoughts on these relationships. Environmental Education appears, in this context, when it tries to reestablish the lost connections between men and nature from the feeling of belonging to the environment and the valuing of subjectivity and affectivity, contributing to the development of a critical spirit on hegemonic rationality. Thus, Ecotourism is one of the Environmental Education promoters due to the trips to protected places and the interaction with willing communities, to establish relationships that allow changes of attitude.

Keywords: Human Behavior, Environmental Education, Ecotourism.

Introdução

Pensar a realidade exige um exercício complexo, onde estão envolvidos aspectos culturais, históricos, ecológicos, biológicos, etc. O comportamento humano é mais abrangente do que a visão racional e limitada da realidade. No pensamento ocidental, guiado a partir de uma lógica capitalista, o homem não percebe como interfere no ambiente natural. O pensamento antropocêntrico, surgido a milhares de anos, a partir de um rompimento com a natureza e as influências históricas e culturais levou à crise ambiental.

Uma apreciação aprofundada indica que se trata de uma crise do homem e da sociedade. O ser humano se perdeu na complexa realidade social e não se identifica com coisa alguma. A solidão se tornou o vazio existencial da humanidade, uma vez que o homem não se sente pertencido ao ambiente que habita. A análise do comportamento humano ao longo de sua evolução pode esclarecer algumas

das razões para a atual crise e identificar como se dão as relações entre a sociedade e a natureza na atualidade.

A Educação Ambiental, neste sentido, é um instrumento para a construção desta relação quando propõe capacitar para a ação responsável os agentes sociais, através da reflexão crítica da realidade a fim de perceber a amplitude da problemática ambiental. Sua capacidade de reprodução se dá dentro da sociedade por ser uma estratégia de socialização e formação de indivíduos, grupos e instituições, através de um processo emancipatório comprometido com a renovação cultural, social, política e ética.

A Educação ambiental encontra no Ecoturismo um meio de promover a consciência ambiental através das viagens. Cria oportunidades para novas formas de pensar e agir criativas que garantem uma experiência transformadora, pois o Ecoturismo oportuniza vivências que vão além do alcance das explicações (Mendonça, 2005:156) já que aproxima o ser humano do meio ambiente. A sensibilização do ecoturista incorpora pressupostos para

o questionamento de valores e a reformulação de aspectos indesejáveis da vida cotidiana. É sobre as relações entre comportamento humano, educação ambiental e ecoturismo que trata este artigo.

Sociedade, Natureza e Comportamento Humano

Compreender a crise ambiental requer o entendimento das relações entre ser humano e natureza. O pensamento reducionista e individualista da cultura do capitalismo construiu uma reprodução do ser humano como um ser mecânico, separado de seu contexto e que ignora o que não diz respeito ao seu interesse e bem-estar. A forma pela qual é estabelecida sua inclusão ecológica, a partir da domesticação de espécies vivas e das revoluções tecnológicas, mostra onde foram rompidos os limites dentro dos quais a vida pode se sustentar (Mourão, 2005:1). A relação estabelecida entre homem e natureza rompeu-se no decorrer da evolução humana, sendo que nos últimos 300 anos, o pensamento hegemônico tornou mais visível esta ruptura. Moscovici (1975: 323) afirma que a humanidade encontra-se em uma situação de crise no que se refere à concepção sobre a sociedade e a natureza. A significação dada tanto a uma como a outra, bem como a relação que se supõem existir entre elas, são baseadas no modelo helênico. Segundo o autor,

“Esse modelo foi primeiramente aplicado à esfera política, à existência do Estado, e ao corpo humano enquanto lugar privilegiado do conhecer e do agir. Posteriormente, a crescente importância da produção industrial, a destruição dos limites domésticos em que fora encerrada a economia, o individualismo e a luta de classes, a recorrência das revoluções, o triunfo da mecânica, lhe acrescentaram uma dimensão histórica, completando a figura que conhecemos. A razão e o contrato constituem os meios; a conquista do universo material e social, o fim que satisfaz as necessidades físicas e espirituais dos agentes econômicos e epistemológicos individuais; a separação entre a ordem natural e a ordem social é considerada a origem e ápice da condição humana” (Moscovici, 1975: 323).

A partir desta leitura, verifica-se que as conseqüências da crise ambiental têm relação direta com a vida coletiva, com a orientação e ritmo que nós damos a ela. A noção de coletividade (sociedade) foi um artifício criado quando se rompeu o equilíbrio inicial que havia entre o homem e seu meio. Este rompimento se deu a partir do momento em que se desenvolveram características originais na espécie humana não encontrados nas demais espécies, tais como a capacidade craniana, postura ereta e a linguagem. Para restabelecer este equilíbrio surgiu a necessidade de uma organização coletiva, a sociedade. (Moscovici, 1975: 325). Segundo o autor, “ela comprova o poder de intervenção

do homem, seu domínio sobre a natureza interna biológica, fazendo do indivíduo isolado e completo uma parte dum conjunto que o supera e cuida da satisfação de suas necessidades distribuindo as riquezas” (Moscovici, 1975: 325).

Neste sentido, a crise ambiental percebida pelo aumento populacional, aquecimento global, poluição, desmatamentos, etc, indica o apogeu daquilo que se acreditava ser o progresso. Moscovici (1975: 332) afirma que “o homem, de repente se percebe em plena selvageria, no limiar da penúria, tendo dificuldade até para satisfazer as funções fisiológicas elementares”. Desta maneira, para minimizar a crise, é preciso caminhar no sentido da naturalização da sociedade (Moscovici, 1975: 335), pois se observa que o ser humano perdeu a capacidade de pertencimento no planeta que habita.

O pertencimento é entendido como a identificação de uma pessoa com alguma coisa, os aspectos culturais, as relações entre indivíduos, suas relações com o mundo. A crença no conhecimento instrumental produz e reproduz o desenraizamento dos humanos de seu fundamento biológico e planetário, ocultando a complexidade da vida e desligando-o de seus vínculos intrínsecos com a ordem cósmica (Mourão, 2005: 2). Segundo a autora:

“Diz-se que os humanos perderam a capacidade de pertencimento. As ideologias contemporâneas sobre o desenvolvimento econômico ancoram-se numa crença irracional que inverte radicalmente a afirmação do sábio chefe indígena Seattle, ou seja, elas parecem acreditar que ‘nada que acontecer à Terra afetará os filhos da Terra’” (Mourão, 2005: 2).

Para Mourão (2005: 4), a construção da idéia de pertencimento exige a inscrição lógica da vida nas condições específicas do modo de organização da sociedade ressaltando a subjetividade como uma dimensão essencial do conhecimento vivo e humano.

Neste sentido, a história ambiental é uma prática que pode facilitar o entendimento das relações entre o homem e seu meio, uma vez que coloca de forma simples e clara a sociedade na natureza e no equilíbrio com que busca a interação e a influência mútua entre elas (Drummond, 1991: 8). Porém, esta é uma prática recente, uma vez que suas discussões passaram a ganhar destaque a partir da década de 1950. Até este período as ciências sociais humanas estavam fora ou acima da história natural. A inserção das ciências sociais na história natural se deu a partir do movimento ambientalista e de crises ambientais localizadas. Segundo o autor (1991: 4), “não era mais possível pensar a sociedade humana sem a ancoragem no mundo natural”. Hoje, a partir do entendimento de que a sociedade está inserida na natureza, compreende-se que algumas das razões da crise ambiental estão relacionadas à fragmentação do pensamento humano sobre esta realidade.

Buscando minimizar os impactos da destruição antrópica ao longo do processo histórico, o ano de 1972 foi marcado por iniciar os debates sobre desenvolvimento, a partir do reconhecimento da complexidade e gravidade dos desafios sociais e ambientais com os quais a humanidade se deparava (e ainda depara). O Relatório de Founex assim como a Declaração de Estocolmo visavam transmitir a mensagem sobre a necessidade de novas estratégias ambientalmente adequadas para promover desenvolvimento socioeconômico equitativo, ou *ecodesenvolvimento* (Sachs, 2007:174). Para o autor,

“o conceito de ecodesenvolvimento designava ao mesmo tempo um novo estilo de desenvolvimento e um novo enfoque (participativo) de planejamento e gestão, norteado por um conjunto interdependente de postulados éticos, a saber: atendimento de necessidades humanas fundamentais (materiais e intangíveis), promoção da autoconfiança (self-reliance) das populações envolvidas e cultivo da prudência ecológica” (Vieira, 2007: 12 apud Sachs 1980).

Além dos avanços conceituais nas décadas seguintes, o maior conhecimento sobre a biodiversidade, sobre os problemas ambientais e a maior preocupação com a gestão do meio ambiente promoveram um aumento da conscientização da opinião pública sobre o desenvolvimento, apesar de se observar a continuidade para um caminho de crescimento social e ecologicamente desastroso (Sachs, 2000: 7). A questão que destaca as discussões sobre o desenvolvimento é de que não pode haver luta contra a pobreza sem levar em consideração a questão ambiental (Sachs, 2000: 7). O desenvolvimento precisa ser pensado sem adjetivos na tentativa de não ser limitado apenas ao aspecto econômico, social, humano, cultural, etc.

O desenvolvimento é um conceito de múltiplas dimensões que integra o critério social, ecológico e econômico. O desafio e, talvez o que falta para mudar a realidade, é analisar como se dá a interação entre estes critérios para a existência de um crescimento social razoável, ecologicamente prudente e economicamente eficiente (Sachs, 2000: 9). Neste sentido, o autor propõe que o planejamento do desenvolvimento deve trabalhar cinco dimensões do conceito de sustentabilidade: social, econômica, ecológica, espacial e cultural (Sachs, 2007: 181-183). A sustentabilidade social se refere à construção de uma civilização com maior igualdade na distribuição de renda, para reduzir a desigualdade que existe entre os padrões de vida dos ricos e pobres. A sustentabilidade econômica busca a avaliação da eficiência econômica a partir e aspectos macrosociais, e não apenas sob rentabilidade microeconômica. A sustentabilidade ecológica é entendida como os principais aspectos que visam a minimização dos impactos da ação antrópica sobre o ambiente, tais como a limitação do consumo de combustíveis fósseis, limitação do consumo material, redução de resíduos, etc.

A sustentabilidade espacial busca uma nova configuração rural-urbana, através da redução da concentração de áreas metropolitanas e a promoção de práticas regenerativas de agricultura, etc. A sustentabilidade cultural se refere à continuidade das culturas baseadas em suas raízes endógenas, de acordo com as especificidades de cada contexto sócio-ecológico (Sachs, 2007: 181-183). A interação entre estas dimensões remete a idéia de que o desenvolvimento deve permear o pensamento humano, de forma a influenciar as ações cidadãs. Desta maneira,

“Faz-se necessário um grande esforço para o desenvolvimento de padrões de uso dos recursos renováveis que sejam intensivos em conhecimento, centrados no ser humano, ambientalmente adequados e economicamente eficientes, preservando, ao mesmo tempo, a frágil biodiversidade dos ecossistemas tropicais úmidos” (Sachs, 2007: 195).

Além disto, busca-se o uso de tecnologias que possam harmonizar os objetivos sociais, ecológicos e econômicos, baseados nos aspectos culturais de cada nação, na procura do melhor aproveitamento da oferta potencial de recursos, em bases ecologicamente sustentáveis (Sachs, 2000: 11).

Educação Ambiental e suas implicações no Turismo

Um dos meios de trabalhar com novos modelos de desenvolvimento é através da Educação Ambiental (EA). Esta é entendida, segundo Loureiro (2005: 69), como uma “práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e da atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente”. A EA deve ser trabalhada pela sociedade civil, para que atue em processos coletivos de pressão para o fim da centralidade e da desigualdade, a fim de ser entendida como “um processo capaz de operar mudanças cognitivas, sociais e afetivas importantes tanto nos indivíduos e grupos quanto nas instituições” (Carvalho, 2005: 60). Loureiro cita Paulo Freire quando diz que a “*a educação é um ato político*”, pois constrói relações sociais e pedagógicas a partir da consciência política e a capacidade crítica para se agir. Ainda cita Rubem Alves ao dizer que “*a educação é um ato de amor*” pois resulta no compromisso social e do respeito a si mesmo, ao outro e à vida, motivada pelo sentimento de pertencimento ao planeta” (Loureiro, 2005: 95). Neste sentido, a EA requer a mudança do estilo de vida. A mudança de atitude parte não somente do princípio prático, mas também ideológico, já que faz crítica aos modelos dominantes de poderes econômicos e políticos. Conforme Sato & Carvalho (2005: 12) “a EA pode ser uma preciosa oportunidade na construção de novas formas de ser, pensar e conhecer que constituem um novo campo de possibilidades do saber”.

O Turismo se insere neste contexto, quando propõe, através das viagens à natureza ou do Ecoturismo, uma oportunidade de apreender as relações existentes entre o homem e ambiente unindo prática e teoria à questão ambiental. O aspecto prático se refere às viagens, ao ato de sair do espaço cotidiano e se deslocar a lugares desconhecidos. O teórico é entendido como a transmissão de conteúdos durante as viagens, visando à compreensão destas relações. Desta maneira, as viagens se tornam práticas de pedagogia ambiental, inovando na forma como o conhecimento é transmitido. Para Neiman (2005: 19), é possível a realização de viagens gratificantes em que o visitante vivencia a desfragmentação do seu universo para interagir com a natureza de modo íntegro, a se sentir um agente ativo da mudança e propagar este espírito.

Entre as diversas correntes existentes no campo da Educação Ambiental, tais como a naturalista (centrada nas relações com a natureza, através do enfoque cognitivo, experimental, afetivo, espiritual ou artístico), a conservacionista (baseada nas questões de conservação, gestão ambiental e ecocivismo), a resolutiva (fundamentada na idéia de que o meio ambiente é um aglomerado de problemas no qual é necessária a busca pela solução das problemáticas ambientais), entre outras, aquela que tem maior apreensão das relações entre a sociedade e o ambiente é a corrente sistêmica que, de acordo com Sauv  (2005: 22) “permite conhecer e compreender adequadamente as realidades da problemática ambiental”. Para o autor, a corrente sistêmica permite a identificação dos diferentes elementos do sistema ambiental e enfatiza as relações entre os aspectos biofísicos e sociais existentes numa situação ambiental. Paralelo à corrente sistêmica está a corrente humanista que não compreende o ambiente somente a partir de seus elementos biofísicos, mas também como um “meio de vida com dimensões históricas, culturais, políticas, econômicas, estéticas, etc”, a partir de um enfoque cognitivo, convocando para o sensorial, a sensibilidade afetiva e a criatividade (Sauv , 2005: 25). Para o autor, quando se conhece melhor o meio ambiente é possível se relacionar e melhorar as condições de intervenção através da construção de uma representação coletiva mais rica sobre ele.

Identifica-se a potencialidade de uma relação com a corrente sistêmica e humanista da Educação Ambiental quando se pensa o Turismo como um fenômeno de natureza social complexo, que requer uma visão global da interação entre homem e ambiente para que este seja sustentável. Baseando-se nos princípios de sustentabilidade, o Turismo busca destacar as relações entre os aspectos ambientais e sociais como forma de estender o conhecimento àqueles

que viajam. Neste sentido, o Ecoturismo é uma atividade que tende a contribuir para a preservação do meio ambiente, quando inclui programas de Educação Ambiental, influenciando a formação sócio-ambiental dos cidadãos, pois mostra os caminhos para a preservação da natureza e para novas relações do ecoturista com o meio ambiente. Quando há interação entre o turista com as comunidades locais as relações sociais se estabelecem com os saberes locais, possibilitando a sensibilização ambiental do turista, trata-se de:

“[...] uma luta política, compreendida em seu nível mais poderoso de transformação, [...] que acredita que, mais do que conhecimento técnico-científico, o saber popular igualmente consegue proporcionar caminhos de participação para a sustentabilidade por meio da transição democrática” (Sato et al. 2005: 106).

A Educação Ambiental requer, acima de tudo, uma forma de pensar a realidade e agir em favor dela, analisando, criticando e promovendo melhorias, num caminho para o desenvolvimento sustentável. Pérez, ao mostrar a abrangência da Educação Ambiental na sociedade ocidental diz que:

“Se há quem pensa que o setor ambiental se deve preocupar exclusivamente com a sensibilização e a mera interpretação das realidades, também encontramos defensores intransigentes de uma formação ambiental mais crítica, politicamente comprometida e voltada para a ação, a transformação e a mudança dos conhecimentos, das atitudes, dos procedimentos, dos estilos de vida, das concepções e dos hábitos sobre o uso dos recursos, dos modelos de desenvolvimento que deve prevalecer ou das políticas mundiais que devem marcar as tendências nas relações de equidade e cooperação entre países” (P rez, 2005: 180-181).

Desta maneira, o Ecoturismo favorece a formação de cidadãos conscientes da realidade ambiental global, desde que trabalhe com a subjetividade e afetividade nas viagens, promovendo mudanças de atitudes, estilos de vida e hábitos.

Ecoturismo, Cidadania e Educação Ambiental

O Ecoturismo surge como um projeto alternativo de educação ambiental quando se fundamenta em princípios de sustentabilidade ambiental, econômica e social e contribui para a construção de uma cidadania baseada em princípios éticos. “O desafio da sociedade sustentável é criar novas formas e ser e de estar neste mundo” (Gutierrez & Prado, 1999: 34). A construção de uma cidadania ambiental busca transformar mentalidades baseadas num sentido amplo e renovado e requer a inclusão do ser humano como co-responsável pelas mudanças no planeta. Sorrentino

(2005:19) concorda com Mourão (2005:4), quando afirma que é preciso despertar nos indivíduos o sentimento de pertencimento, além da “participação e responsabilidade na busca de respostas locais e globais que a temática do desenvolvimento sustentável nos propõe” (Sorrentino, 2005: 19). Desta maneira, o Turismo aliado à Educação Ambiental pode desencadear este pertencimento quando sensibiliza o cidadão para a busca de mudanças a partir de um colocar-se no mundo ativamente, e não na espera por mudanças prontas e finalizadas.

Na busca de um novo sentido para a Educação Ambiental, o Ecoturismo pode dar um novo significado às viagens. A procura por locais preservados, pelo contato com a natureza não se dá somente em virtude do estilo de vida moderno, mas também pode ocorrer como uma prática pedagógica de educação. Da mesma forma, conhecer locais depredados pode ser um fator de sensibilização e instrumento de educação ambiental.

Apesar dos aspectos favoráveis do Turismo como auxiliar no processo de Educação Ambiental, para Cascino (2004) quando o Ecoturismo se torna uma extensão do Turismo convencional ou turismo de massa corre o risco de ficar “reduzido a uma potencial forma de mercado, algo indefinido, sendo manobrado por ações fundadas apenas na busca do lucro” (Cascino, 2004: 201). Quando a atividade se reduz a tal maneira, os impactos sobre as localidades são inevitáveis, por isso, a noção de sustentabilidade se torna tão importante no Turismo.

O Ecoturismo pode ser um promotor do desenvolvimento regional quando, baseado nas cinco dimensões da sustentabilidade de Sachs (2007:181-183), visa agregar aos processos ecológicos e tecnológicos que são transformados em valores de uso social, os quais são indispensáveis na produção de conhecimentos, saberes e valores culturais na autogestão dos recursos produtivos (Leff, 2006). Neste sentido, a Educação Ambiental contribui para o Turismo quando trabalha por mudanças nas formas de lazer, pois é pelo lazer que se buscam os locais preservados, sendo que estes locais dependem muito mais das relações humanas do que de quaisquer outras forças existentes (Russo, 2007:102). As experiências promovidas pelo Ecoturismo podem promover princípios de educação quando estimulam a criatividade e a afetividade dos visitantes oportunizando novos sentimentos que dão origem a pensamentos reflexivos sobre a relação entre o homem e o planeta que habita.

Considerações finais

Este estudo procurou destacar aspectos teóricos sobre a relação entre o homem e a natureza, a partir de uma análise das causas que promoveram o rompimento desta relação. A noção complexa da realidade é de difícil compreensão. Seus reflexos são percebidos através da crise ambiental e da civilização ocidental. Num mundo globalizado, sem fronteiras, conduzir as diferentes formas de vida é um dos grandes desafios do nosso tempo. O ser humano precisa resgatar novamente seus aspectos culturais, sua subjetividade para compreender que está inserido no contexto social e natural ao mesmo tempo. A idéia do planeta Terra como um ser vivo, do qual pertencemos, é importante para compreender as razões da crise ambiental. Foi preciso uma ruptura do homem com a natureza, nos primórdios da humanidade para sua evolução. Esta evolução ocorreu a partir da destruição de ambientes, espécies e até mesmo de civilizações inteiras. Hoje, num mundo em crise, o resgate dos aspectos subjetivos se faz necessário para o entendimento da complexidade da vida.

A Educação Ambiental torna-se fundamental, neste sentido, possibilitando o retorno do homem ao ambiente, a partir do novo significado que ela assume, quando se buscam mudanças no sentido de ação, crítica e valores. A EA é uma prática cidadã que busca resgatar a relação de pertencimento, através da sensibilização para a causa ambiental, assim como para a valorização da subjetividade.

O Ecoturismo é um promotor da EA quando, através das viagens, leva as pessoas a diversos locais e busca promover a sensibilização e a interação dos turistas com as comunidades a fim de que, no retorno, os viajantes tragam as experiências vividas para suas relações cotidianas. Além de trabalhar com a educação e a formação de cidadãos, o Ecoturismo é um promotor do desenvolvimento regional quando baseado nas cinco dimensões de sustentabilidade.

Referências

- CARVALHO, I. C. M. 2005. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, Michèle. CARVALHO, Isabel. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p. 51-63.
- CASCINO, F. 2004. Pensando a relação entre educação ambiental e ecoturismo. In: SERRANO, Célia. BRUHNS, H. T. LUCHIARI, Maria T. D. P (orgs.). Olhares contemporâneos sobre o turismo. 3. ed. Campinas: Papyrus. p. 189-206.
- DRUMMOND, J. A. 1991. A história Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197.

- GUTIERREZ, F. PRADO, Cruz. 1999. Ecopedagogia e cidadania planetária. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez.
- LEFF, E. 2006. Epistemologia ambiental. Tradução de Sandra Valenzuela. 4. ed. São Paulo: Cortez.
- LOUREIRO, C. F. B. 2005. Educação Ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, Carlos F. B. LAYRARGUES, Philipe P. CASTRO, Ronado S. (orgs.). Educação Ambiental: repensando o espaço de cidadania. 3.ed. São Paulo: Cortez. p. 69-98.
- MENDONÇA, R.. 2005. Educação ambiental e ecoturismo. In: NEIMAN, Zysman (org). Ecoturismo no Brasil. Baueri: Manole. p 154-169.
- MOSCOVICI, S. Sociedade contra a Natureza. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MOURÃO, L. Atitude Transdisciplinar - Pertencimento. In: II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2005, Vitória - ES. II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2005.
- NEIMAN, Z. 2005. Natureza e cultura brasileiras: matérias-primas do ecoturismo. In: MENDONÇA, Rita. (org). Ecoturismo no Brasil. Baueri: Manole. p. 17-40.
- PÉREZ, J. G. 2005. Por uma formação dos profissionais ambientalistas baseada em competências de ação. IN: SATO, Michèle. CARVALHO, Isabel. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p. 177-211.
- RUSSO, C. R. 2007. Sustentabilidade e Turismo: Um Debate sobre as Possibilidades do Desenvolvimento do Turismo Sustentável. Revista Gaia Scientia, v. 1, p. 95-102.
- SACHS, I. 2007. Rumo à ecossocioeconomia. São Paulo: Cortez.
- SACHS, I. 2000. Palestra: Sociedade, Cultura e Meio Ambiente. Revista Mundo & Vida. Niterói, v. 2 (1). p. 7-13.
- SATO, M. CARVALHO, I. 2005. Itinerários da Educação Ambiental: um convite a percorrê-los. IN: SATO, Michèle. CARVALHO, I. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p. 11-15.
- SATO, M. GAUTHIER, J. PARIGIPE, Lympo. 2005. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. IN: SATO, M. CARVALHO, Isabel. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p. 99-117.
- SAUVÉ, L. 2005. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. IN: SATO, M. CARVALHO, I. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p. 17-44.
- SORRENTINO, M. 2005. Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta. In: LOUREIRO, C. F. B. LAYRARGUES, Philipe P. CASTRO, R. S. (orgs.). Educação Ambiental: repensando o espaço de cidadania. 3.ed. São Paulo: Cortez. p. 15-21.
- VIEIRA, P. F. 2007. Ecodesenvolvimento: do conceito à ação. IN: SACHS, I. Rumo à ecossocioeconomia. São Paulo: Cortez. p. 9-31.